

## ARTES VISUAIS E ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ROBERTA BENEVI<sup>1</sup>; ALBERTO COELHO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>IfSul-rio-grandense, campus Pelotas – rbeneart@gmail.com 1

<sup>2</sup>Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – albercoelho@terra.com.br 2

### 1. INTRODUÇÃO

Desenvolvo uma pesquisa desde 2013 acerca da inserção da arte na alfabetização de séries iniciais, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul. Busco com as Artes Visuais experimentações que estimulem a aquisição da escrita. Como continuidade a esta pesquisa o que se proponho com o presente trabalho é problematizar os processos artísticos enquanto interventores na alfabetização, mas agora mudando o foco um grupo de jovens e adultos que estão no PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos).

O PEJA foi implantado na Escola N. H. Dunas no ano de 2006, atendendo alunos da 1ª até 3ª etapas. Em 2010, o Programa foi ampliado até a 4ª etapa e permanece assim, atendendo duas turmas, divididas de acordo com o número de alunos matriculados em cada etapa. Neste ano de 2014 há 25 alunos matriculados e 18 frequentando regularmente o turno da noite. O Programa também atende alunos com necessidades especiais e dificuldades de aprendizagem de forma inclusiva.

O foco da maioria dos alunos, motivo de seu retorno aos bancos escolares, está no aprendizado da escrita e da leitura. Alguns ainda mantêm na escola grande parte, ou totalidade, de seu convívio social.

Portanto, ao lecionar Artes, proponho atividades artísticas implicadas com os processos de aquisição da linguagem escrita, buscando cartografar os trabalhos realizados pelos jovens e adultos quando envolvidos com uma produção poética-visual que resultam em objetos estéticos. Com isto problematiza-se a escrita que surge de momentos que colocam o aluno na intersecção entre arte e alfabetização. Os aspectos plásticos da obra de arte falam aos sentidos, através de blocos de sensações que excedem o vivido. (DELEUZE, 1992, p. 212).

Deslocando meu olhar pela formação em artes, ao observar a produção escrita dos alunos, senti a necessidade de trabalhar na perspectiva dos *affectos* e *perceptos* (DELEUZE, 1992, p. 211) para problematizar a apropriação da escrita. Via que não estava apenas diante de dificuldades de aprendizagem, mas de desafios, erros e acertos de um processo que extrapola a linguagem e demonstra algo sobre esse processo, algo que transborda o indivíduo, mas que lhe é próprio: uma criação ao aprender, pois a escrita comporta uma transcendência que ultrapassa a ordem do vivido.

### 2. METODOLOGIA

Segundo Kastrup (2009, p.76), a cartografia é um estudo das relações de forças que compõem um campo específico de experiências que acompanha, ao mesmo tempo que traça, os efeitos do próprio percurso. Segundo Deleuze e Guattari (1997), por se constituir por múltiplas e heterogêneas conexões, esta é uma forma rizoma de produzir e acompanhar saberes (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

A cartografia, processo formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, deriva da geografia e nos ajuda a pensar nossas experiências de forma transversal e longitudinal. Sendo assim, desestabiliza eixos cartesianos, verticais e horizontais, procurando captar o movimento das formas e linhas que constituem as subjetividades e os territórios. (PASSOS; KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009, p. 76-77).

Ao buscar acompanhar processos e não resultados ou produtos finais, pode-se dizer que este trabalho aproxima-se do método cartográfico, pois procura reconhecer os processos, territórios, capturar forças e movimentos. Distante de buscar ajustar-se a modelos, os signos da arte junto à alfabetização surgem neste trabalho e são investigados de maneiras a capturar suas forças, dando visibilidade ao campo investigativo dos estudos dos processos de subjetivação (GUATTARI, 1993).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O início da pesquisa teve um disparo em 2012 quando comecei a lecionar na Escola Municipal foco do trabalho. As dificuldades em ler e escrever dos alunos gerou grande *desterritorialização* (DELEUZE; PARNET, 2000, p. 60) na forma como eu desenvolvia as aulas e como me comunicava com os alunos. Ao conduzir as atividades da disciplina de artes, dois casos chamaram atenção: observei, no trabalho escrito de dois alunos, uma possibilidade de olhar o que era evidenciado como erro como arte, criação e invenção. Perguntando: que especificidades da arte podem tornarem-se dispositivos de intervenção na apropriação e aquisição da linguagem escrita? Como tornar a experimentação com a escrita e com a arte uma experiência longe de uma mecanização da aprendizagem e da escrita?

Deste modo, nos anos de 2013 e 2014 me dediquei a investigar estas e outras produções que buscam integrar os procedimentos artísticos a alfabetização durante o que chamo “oficinas sensíveis com arte”, aproveitando o curso normal das aulas de artes para estreitar a relação da arte com a produção escrita de forma a aproveitar e valorizar o que para um conceito mais tradicional de aprendizagem estaria fora das normas e dos padrões, sem valorização do erro, mas como forma de impedir que ele se torne ameaçador. Brincando com a grafia como se ela fosse desenho e pintura, criando um espaço lúdico de aprendizagem. Promovendo não só o diverso, mas a diferença nas aulas de artes, pois a diversidade opera com que existe nos conjuntos, a diferença é o terceiro excluído, ou seja, provoca um pensamento que não opera pela reconhecimento (DELEUZE, 1988, p.225).

Sendo que no ano de 2014 assumi duas turmas de alfabetização de jovens e adultos, entendi que deveria estender a investigação a estes alunos que, em sua maioria, voltavam à escola com a intenção de aprender a ler e escrever, sendo essa, sua maior preocupação, e sendo esse o motivo de ter alterado o grupo de sujeitos de pesquisa. Inicialmente esbarrei em dificuldades, muitos deles vinham de um histórico de fracasso escolar e com ideias pré-estabelecidas acerca do ensino de arte. O primeiro trabalho foi desmistificar a ideia comum de que a disciplina estaria ligada ao “bem fazer” e a “beleza padronizada”, demonstrando que estávamos ali para aprender e experimentar.

Outra questão abordada em sala de aula, foi que em várias situações do cotidiano os alunos estavam aplicando os saberes construídos em sala de aula, seja ao lerem o destino de uma placa de ônibus, fazendo uma lista de supermercado ou escrevendo uma receita de bolo. Essa abordagem está de acordo com Kastrup (2007), pois para a autora os processos de criação e de invenção são sinônimos e

estão presentes durante toda vida cotidiana, não sendo exclusivos do campo da arte. Para ela: “As grandes e pequenas invenções permeiam nosso conhecimento de mundo e atravessam subjetividades e domínios cognitivos, estilos de vida e paisagem existenciais”. (Kastrup, 2007, p.59).

Os artistas plásticos Léon Ferrari e Mira Schendel, com trabalhos visuais que fazem da própria linguagem um objetos visual, ao invés de usar a linguagem como complemento ou substituto, pois para esses artistas signos, códigos, formas visuais e palavras são os elementos plásticos de suas obras, foram uma inspiração para a realização de algumas atividades realizadas em sala de aula. Essas atividades seguem o objetivo de trabalhar a escrita através da arte.

Para realizar os trabalhos, foram necessários dois encontros, no primeiro, os artistas foram apresentados e foi pedido que os alunos fizessem uma sensibilização: os alunos escreveram uma carta que expressava um sentimento, algo que não pudesse ser dito, em palavras legíveis, à maneira da obra ‘Carta a um general’, de Léon Ferrari. Num segundo encontro, os alunos partiram para a confecção de uma carta de sensações, o material utilizado foi a tinta e o pincel, na intenção de que os alunos experimentassem um material para escrever diferente dos tradicionais caneta e lápis. (Figura 1).

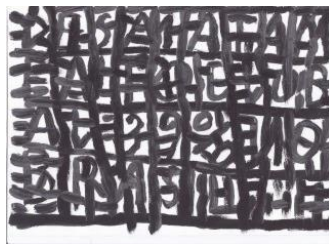


Figura 1

Outra atividade realizada foi um processo de recortar as palavras que os alunos conseguiam ler em um livro. De acordo com a artista Edith Derdyck (2014), na origem da palavra “criar”, em egípcio, está a palavra “cortar”. Em sua recente exposição, denominada Gaveta, a artista recorre a uma série de processos que nos ajudaram a executar essas atividades em sala de aula. (Figura 2). (DERDYCK, 2014?)



Figura 2

Através da arte, o pensamento de forma poética foi oportunizado pelos elementos principais do desenho: o ponto, a linha e a forma. A atividade de costurar palavras no papel ajudou a desenvolver aspectos cognitivos aliados ao processo manual de bordar. Os alunos bordaram sobre a folha A4 letras e iniciais, tendo a oportunidade de pensar a escrita como processo que não precisa estar necessariamente atrelado a lápis ou caneta sobre papel. (Figura 3).



Figura 3

#### 4. CONCLUSÕES

Analisando os trabalhos dos alunos quanto a uma “produção poética” que se faz a partir dos conteúdos de arte, pode observar que as relações entre arte e aprendizagem da escrita, modificam as relações entre sujeitos e objetos, escrita e vida, pois é porque sujeito e objeto, criador e criatura estão interligados que Kastrup (2007, p. 67) chega à ideia de que a criação é ao mesmo tempo um processo de invenção de si mesmo. (KASTRUP, 2007, p. 67).

Deste modo, essa pesquisa busca tornar o aprender mais artístico, entendendo que o ensino de arte tem a crescer aos esforços em auxiliar os estudantes na construção de saberes. A partir da produção de trabalhos “poéticos”, fabricados em oficinas de arte, com materiais e procedimentos que extrapolam a folha do caderno, o lápis e a borracha, os alunos não se tornam apenas aptos a ler, escrever, contar, mas a fabular, criar e inventar mundos, explorando o que vem junto quando a sociedade que os “obriga” a utilizarem as palavras, a escrita.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Livro

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

**León Ferrari e Mira Schendel: O Alfabeto Enfurecido**. Org. Luis Péres-Orama. São Paulo: Cosac e Naif, 2010.

##### Capítulo de livro

GUATTARI, Félix. **Da produção de subjetividade**. In.: PARENTE, André (org.). **Imagem-máquina. A era das tecnologias digitais do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

KASTRUP, V. **Flutuações da atenção no processo de criação**. In.: LECERF, E.; BORBA, S.; KOHAN, W. (Org.). **Imagens da imanência: escritos em memória de H. Bergson**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. v. 1, p. 59-71.

##### Documentos eletrônicos

Estadão Cultura. **Artista Edith Derdyk exhibe obras criadas do ato de cortar o papel**. O Estado de S. Paulo Online, São Paulo, 15 abr. 2014. Acessado em 20 julho. 2014. Online. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,artista-edith-derdyk-exibe-obras-criadas-do-ato-de-cortar-livros,1154266>